

O Ipiranga

As primeiras referências ao bairro do Ipiranga dizem respeito à construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Luz, erguida por Domingos Luis, o carvoeiro, e sua mulher Ana Camacho, quando a região era ainda denominada Ireripiranga. Relatos históricos indicam que, em 1603, a capela foi transferida para os campos do Guarepe, dando origem ao bairro da Luz. O bairro do Ipiranga está situado no sudeste do município, na vertente esquerda da bacia do rio Tamanduateí, contendo em seu território os córregos do Ipiranga e dos Meninos. Até meados do século XIX fazia parte da zona rural. Havia apenas chácaras, sítios, casas pequenas e vendas para abastecer os tropeiros que viajavam até a Serra do Mar. Com o desenvolvimento urbano e o aumento do mercado de café, a cidade se expandiu ao longo do antigo caminho do mar. Em 1867, a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, vem facilitar esse percurso dando início ao desenvolvimento urbano da região. O desenvolvimento valorizou o bairro, atraindo cada vez mais imigrantes. Muitos vieram do Oriente Médio como a família Jafet, que construiu palacetes que ainda podem ser vistos na região. O Ipiranga recebeu também muitos italianos que vieram trabalhar nas fábricas que se instalaram no local. A região tinha características industriais tão marcadas que os bondes e ônibus que para lá se dirigiam tinham no letreiro o título Fábrica.

Entre os anos 20 e 40, era considerado elegante residir na Rua Bom Pastor e nas Avenidas D. Pedro I e Nazaré. Em 1947, a inauguração da primeira pista da Via Anchieta aumentou o tráfego em direção a Santos, transformando o bairro, trazendo novas atividades e residências para diferentes classes sociais. Com uma extensão de cerca de 30 Km², hoje o Ipiranga é composto por 80 vilas, que abrigam uma população de cerca de 556.000 habitantes (Censo, 2000) de constituição heterogênea, já que o bairro, além de ter recebido muitos imigrantes, continua a receber migrantes. Berço da Independência do Brasil e referência histórica nacional, o Ipiranga possui um estoque arquitetônico muito característico e diversificado, que inclui instituições de ensino, museus, obras de arte, prédios tombados como patrimônio histórico e parques.

Parque Independência, Museu Paulista e Museu de Zoologia: meio ambiente, história e ciência. Trilhar é preciso!



Parque Independência

Marco histórico nacional, o Parque Independência está localizado na colina do Ipiranga. Sua área de cerca de 161.300 m², tornada parque público em 1989, abriga importante patrimônio histórico, cultural e ambiental, como o Museu Paulista, o riacho do Ipiranga, a Casa do Grito, o Monumento à Independência, seus jardins e chafarizes e o bosque.



O Bosque

O bosque do Parque Independência foi concebido inicialmente como Horto Botânico do Museu Paulista. Criado em 1905 por Hermann Von Ihering, primeiro diretor deste museu, tinha finalidade científica e instrutiva, "destinado a estudar e mostrar as árvores de nossas matas e, por este motivo, não se planta neste parque outras mudas a não ser as da nossa rica flora indígena", nos dizeres de seu criador. O Horto Botânico representava a diversidade da flora brasileira. Na década de 1920 ele estava organizado de forma a apresentar os biomas brasileiros, distribuídos entre matas e campos. Em 1939 o Horto Botânico do Museu Paulista deixou de existir legalmente e perdeu seu objetivo científico e didático. A partir daquele momento ele começou a se reorganizar como um bosque de lazer e práticas esportivas.

Este bosque atualmente abriga belos exemplares de espécies nativas, como pau-ferro, imbiruçu, cedro, jatobá, marinho e embaúba, além de frutíferas como pitangueira, jameiro e goiabeira, e algumas espécies exóticas como o pau-incenso e a falsa-seringueira. A presença de árvores frutíferas propicia alimentação e abrigo para a avifauna local, que inclui periquito-verde, bem-te-vi, sabiá-laranjeira, sanhaço, tico-tico, pardal (introduzido), quero-quero, cambacica, rolinha, anu-branco, joão-de-barro, e corruíra. Esta área verde ocupa aproximadamente 32.000 m² e tem grande importância na manutenção da diversidade da fauna e na melhoria das condições ambientais.

Os Jardins

Entre 1906 e 1909, o paisagista belga Arsênus Puttemans fez o projeto dos jardins ao redor do edifício do Museu Paulista, reproduzindo concepções paisagísticas inspiradas nos jardins barrocos franceses como o do Palácio de Versailles. Podemos observar que o modo como as plantas são podadas nos transmite um sentimento de domínio da natureza por parte do homem.

Em 1922, para a comemoração do Centenário da Independência, esses jardins ganharam mais 1.500 m² e chegaram até a Avenida D. Pedro I, onde fica o Monumento à Independência. Na década de 1930, foram feitas novas intervenções nos jardins, como as obras de rebaixamento da área em frente à fachada principal do Museu Paulista, evidenciando ainda mais a colina do Ipiranga.



João-de-Barro (*Furnaris rufus*)

Com tamanho aproximando de 19 cm e uma dieta à base de minhocas, moluscos, artrópodes e algumas sementes, o *Furnaris rufus*, popularmente conhecido como João-de-barro, recebe esse nome por construir seu ninho com restos vegetais, esterco e barro úmido. A sua casa, que geralmente leva de cinco a seis dias para ficar pronta, contém dois compartimentos, um menor que fica na entrada com abertura para o exterior, e outro separado por uma parede de barro, onde a fêmea põe os ovos (3 ou 4). Pouco menor que um sabiá, o João-de-barro, é marrom, vive em casais e tem o hábito de cantar em dueto próximo ao ninho.



Cripta Imperial

Também denominada "Capela", foi construída em 1952, no espaço sob o Monumento da Independência, para abrigar os restos mortais de D. Pedro I. Em 1954, como parte das comemorações do 4º Centenário, os restos mortais de Dona Leopoldina, esposa de D. Pedro I, foram transferidos do Rio de Janeiro para o local. Para as comemorações do Sesquicentenário (150 anos) da Independência

em 1972, o governo do Brasil trouxe os restos mortais de D. Pedro I que estavam em Lisboa (Portugal). Em 1982, chegaram ao local os despojos de Dona Amélia, segunda esposa do Imperador.

Riacho do Ipiranga

Ypiranga, Hipiragua, Piranga ou Poranga são as denominações que teve o rio que passa no bairro, das quais os significados mais aceitos são "águas vermelhas" e "águas barrentas", certamente originário do tupi-guarani. Porém alguns dicionaristas garantem que a palavra é derivada de i-pi-rá-ã-anga, que significa leito desigual. Durante séculos foi ponto de parada para tropeiros e viajantes que percorriam o Caminho do Mar, entre São Paulo e Santos. Por isso, foi neste local que Dom Pedro parou para descansar com sua comitiva quando vinha de Santos no início de setembro de 1822. Ali, recebeu notícias de Portugal, que o contrariaram e o levaram a gritar pela independência do Brasil. O episódio está registrado nos versos do hino nacional: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas (...) o brado retumbante."

Jatobá (*Hymenaea courbaril*)

O Jatobá é encontrado desde o Piauí até o norte do Paraná, nas florestas semidecíduas, podendo medir de 15 a 20 metros de altura. Possui um fruto comestível que contém uma farinha muito nutritiva que é consumida pelo homem e pelos animais. É uma árvore de fácil multiplicação para reflorestamentos heterogêneos (diversidade de árvores), parques e arborização de grandes jardins. Não exige solo muito fértil e úmido, geralmente ocorrendo em terrenos bem drenados. O existente no bosque do Parque Independência tem uma forma muito peculiar - de cotovelo - pois apresenta um fenômeno natural chamado fototropismo positivo, que é o crescimento das plantas em busca de uma maior incidência de luz solar.



Monumento à Independência

Foi construído com a intenção de representar o grito de D. Pedro I, em 7 de setembro de 1822, às margens do riacho do Ipiranga. É verdade que nem todos os historiadores confirmam a veracidade deste fato, todavia, o belíssimo conjunto arquitetônico está lá para retratar a cena. Iniciada em 1919, a obra teve como escultor Ettore Ximenes, cujo projeto foi escolhido

a partir de um concurso público. A obra, que foi inaugurada em 1922 para a comemoração do centenário da independência, é composta por cerca de 131 peças de bronze, sendo que as esculturas da parte superior simbolizam a força, a justiça e a sabedoria. No subsolo encontra-se a Cripta Imperial com os restos mortais da família de D. Pedro.



Museu Paulista

Inaugurado oficialmente em 1895 e conhecido como Museu do Ipiranga, é o mais antigo museu público de São Paulo. O edifício onde está instalado foi construído entre 1885 e 1890 e projetado pelo arquiteto Tommaso Gaudenzio Bezzi para celebrar a Proclamação da Independência. A sua construção, além de assinalar o local onde teria ocorrido o "grito da independência", também tinha a intenção de associar a data de sete de setembro ao regime monárquico e à construção da nação brasileira, sendo ainda uma demonstração do poder econômico de fazendeiros e empresários paulistas, que nesse momento ocupavam uma posição de prestígio junto ao governo central. O estilo arquitetônico adotado para a sua construção - eclético de linhas neoclássicas - era muito utilizado na Europa na época, e viria marcar, a partir do final do século XIX, a transformação arquitetônica de São Paulo. A técnica empregada foi basicamente a da alvenaria de tijolos cerâmicos, uma novidade para a época (a cidade ainda estava acostumada a construir com taipa de pilão). Cinco anos depois de sua inauguração passou a abrigar o Museu Paulista, criado como panteão da independência e Museu de História Natural. O Museu Paulista é um museu de História, vinculado à Universidade de São Paulo desde 1963. Apresenta exposições relacionadas à formação das sociedades paulista e brasileira. Seu acervo é muito rico e diversificado, abrangendo coleções de objetos, iconografia e documentação impressa e manuscrita.

Casa do Grito

Um dos raros exemplares de pau-a-pique da cidade de São Paulo, a Casa do Grito, diferentemente do que o seu nome indica, tem relação apenas simbólica com o "brado do Ipiranga". Foi construída por volta da década de 1880, e portanto, cerca de 60 anos depois da Proclamação da Independência. Com as comemorações do 4º centenário da cidade, em 1954, foi realizada uma reestruturação patrocinada pelo governo do Estado que tentou deixá-la parecida com a casa representada pelo pintor Pedro Américo no quadro

Independência ou Morte (exposto no Museu Paulista). Foi nessa ocasião que o imóvel recebeu o nome "Casa do Grito". Em 1981, a Prefeitura de São Paulo fez nova restauração, que devolveu ao imóvel o seu visual original. Faz parte do conjunto comemorativo da Independência do Brasil.



Museu de Zoologia

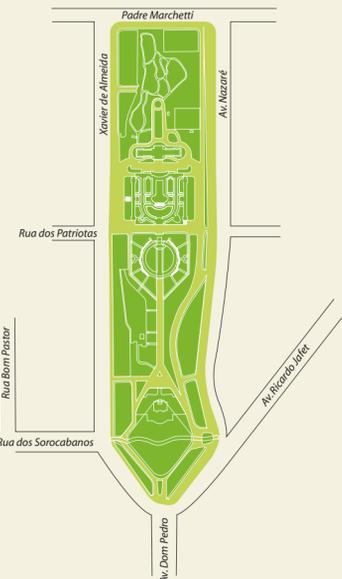
O Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, também conhecido como Museu dos Bichos, teve sua origem na década de 1890, quando uma coleção de animais fez parte do acervo inicial do Museu Paulista. Em 1941, referida coleção zoológica foi transferida para o atual edifício do Museu de Zoologia, nos limites do Parque Independência, formando um Departamento de Zoologia do governo paulista. Em 1969, a instituição passou a fazer parte da Universidade de São Paulo e recebeu seu nome atual. O prédio foi projetado pelo arquiteto Christiano Stockler das Neves especialmente para guarda de coleções, laboratórios e exposições. Representações de animais aparecem nas fachadas, no vão central e nos vitrais do prédio, convidando para a visita às exposições e aos serviços do museu. O Museu de Zoologia faz estudos sobre a fauna da América do Sul e Central. As pesquisas estão principalmente nas áreas de taxonomia, sistemática, evolução e biogeografia, utilizando as coleções de animais que o Museu abriga. Atualmente há cerca de 8 milhões de exemplares conservados em meio líquido ou a seco. Mantém ainda uma biblioteca especializada, publicações, exposições e atividades educativas, realizando pesquisas também nas áreas de museologia, comunicação e educação. No ensino, atua em pós-graduação, oferece disciplinas para graduação, cursos de extensão e estágios de aperfeiçoamento e de iniciação científica. Em 2001 foi implantado o programa de comunicação museológica e, consequentemente, em 2002 a abertura da nova exposição de longa duração, que passou a apresentar uma nova programação de atividades aos visitantes do Museu.

créditos

coordenação do programa Trilhas Urbanas
Virginia T. V. Tristão
pesquisa e textos
Virginia T. V. Tristão/Marina Engels/João G. Rapaelli/Ricardo Bogus/Daniel Varela/Maurício C. da Silva/Margarida Andreatta/Heloisa Barbuy/Maria Julia E. Chelini/Graça M. P. Ferreira/Denise Peixoto/Elisabeth Zolcsak
revisão de textos
Mônica Ribeiro
revisão de textos 2ª edição
Marina Engels/Guilherme M. Cunha/Julia Luchesi/Leandro Rodrigues Gonçalves
foto
Pedro Paulo Duarte/Fabio Lopes/Silvia Glueck/André C. Dias/Marcos Kawall/Jefferson Pancieri/Ângela Garcia/Andrea Grosse.
projeto gráfico
Pedro Paulo Duarte/Natan de Aquino Giuliano
coordenação de arte
Silvia Glueck



Parque Independência



Avenida Nazaré, s/nº - Ipiranga
Fone/Fax: (11) 2273-7250
Segunda a Domingo - 5h às 20h
Horário de Verão: 5h às 21h

